

A ENFERMIDADE DOS ASTRONAUTAS

Rubens de AZEVEDO

Muito se tem escrito e falado sobre a "doença" dos astronautas - especialmente daqueles que pisaram o solo da Lua, os quais voltaram, segundo se evidenciou, muito "esquisitos". Realmente, os astronautas que palmilharam o solo lunar, aquela superfície crestada pelo sol de milhões de anos, mas também curtida pelo extremo frio do espaço interplanetário nestes mesmos milhões de anos, voltaram muito diferentes.

Muito embora não cultivemos como desejaríamos a Psicologia e a Psicanálise, podemos tentar uma explicação para o fato já comprovado de que os homens do espaço voltaram sofrendo de uma estranha doença que consiste, essencialmente, numa religiosidade inesperada, um misticismo inexplicável que não deveria encontrar abrigo em homens treinados durante longos anos para mostrar coragem inaudita e absoluto sangue-frio. Muitos deles estão sendo considerados como, loucos.

Antes de entrarmos no mérito da questão, lembremo-nos de que foram tidos como loucos todos os grandes gênios da Humanidade justamente porque se mostravam "diferentes". Giordano Bruno e Savonarola foram queimados vivos porque acreditavam que a Terra era um planeta como os demais e que poderia haver outros planetas habitados. Galileu foi obrigado a abjurar de joelhos a sua "heresia" do movimento da Terra e mantido sob vigilância até o fim de sua vida. William Harvey foi processado porque tinha a mania pecaminosa de retalhar cadáveres na procura do conhecimento do corpo humano em benefício da Medicina - o que fazem hoje todos os estudantes dessa disciplina...

Mas, imaginemos, por um momento, a posição do astronauta, uma vez chegado à Lua e andando sobre o solo lunar.

Eis a paisagem: uma imensidão desolada, onde tudo é preto-e-branco, coberta por um céu negro onde as estrelas não tremeluzem: são como buracos numa tela de veludo negro. Nem uma folha de musgo, nem um fio de água, nem o trinado de pássaro, nem uma nota, nem um som. Silêncio total e absoluto. A paisagem se estende monótona até onde a vista pode alcançar. No céu de azeviche a Terra, semelhante uma Lua dez vezes maior, apresenta tons verde-azulados e boia, serena, girando lentamente ao redor do seu eixo.

O astronauta fica a contemplar a Terra. E descobre, num átimo, que ali está o seu mundo, o seu lar, a sua pátria. A Terra é um jardim florido onde perpassa, ainda, a brisa perfumada, a despeito da poluição industrial e tecnológica. Ali ainda se podem ver auroras coloridas, cascatas transparentes, o mar beijando a areia, o verde das campinas. Ali ainda se pode ouvir o canto dos pássaros, o murmúrio dos regatos, os bisbilhos da mata e o tanger do sino saúdoso que chama às vésperas.

O astronauta, aterrado, descobre que ali está o seu planeta, o único que lhe pertence, num sistema planetário inóspito e agressivo; em Mercúrio, desprovido de atmosfera, girando com lentidão exasperante, o Sol projeta os seus raios puros, ao mesmo tempo em que chegam os raios de todos os comprimentos de onda, mortíferos em sua maioria. Em Vênus, recoberto por uma pesada atmosfera de grande densidade, os raios solares são armazenados, provocando, pelo efeito de estufa uma temperatura de 800 graus positivos; Marte, como uma torva pupila sangrenta, apresenta uma superfície crestada e varrida pelos ventos, enquanto a água, muito escassa, se refugia incipiente, nas calotas polares. É um planeta morto. Jupiter, Saturno, Urano e Netuno são globos de sílica e metal envolvidos por densas atmosferas constituídas de metano e amoníaco; Plutão, escondido nas profundezas do espaço é um pequeno astro onde o Sol é visto como uma pequenina estrela. Eis a imagem de um sistema de planetas

onde a vida parece ter encontrado abrigo apenas em nossa modesta Terra.

Essa Terra, esse lugar de paisagens de estonteante beleza, receptáculo de milhões de formas de vida, está se tornando inabitável pela ganância dos comerciantes e do militarismo. Grandes potências, que detêm todo o poder de informação e domínio, aceleram, cada vez mais, a destruição de milhões para o benefício de uma criminosa minoria.

O astronauta, pela primeira vez em toda a sua vida, está só. Totalmente desacompanhado e, portanto, absoluta e inteiramente livre. Livre para pensar por si próprio pela primeira vez. Nunca lhe ocorrera que ele fazia parte de um sistema fechado onde foi condicionado a obedecer ordens incompreensíveis e obrigado a defender princípios absurdos, tais como a destruição de cidades indefesas como Guernica, Nagasaki e Hiroshima; torrar com "napalm"; trucidar e fuzilar irmãos da mesma espécie, que nunca conheceu. Não tem ele agora, ao seu lado, nem juizes nem padres, nem comandantes nem chefes, nem mulher nem filhos, nem vizinhos. Está livre, inteiramente livre para pensar - pela primeira vez na vida - por si mesmo. Está livre, como jamais alguém esteve antes dele. E sente sobre os seus ombros o peso da descomunal responsabilidade que pesa sobre a raça humana. Porque ele é, neste momento, a própria Humanidade e possui, de repente, a consciência dessa inteira Humanidade.

Esta livre e sente que toda a sua vida foi uma imensa, inenarrável e irreparável mentira.

.....

E volta o astronauta ao seu planeta. Fora preparado para a viagem de ida ao espaço; mas não para a sua volta ao planeta natal...

Ao chegar, ele sente a repugnância de pertencer, ainda, a uma raça corrompida pela concupiscência dos donos do mundo, envenenada pelo pecado contra Deus e a Natureza. Avoluma-se em seu peito uma revolta que tende a explodir - mas que explode como a de Jesus Cristo; através da mansidão, através do Amor.

E ele sai pelo mundo a pregar a sua nova verdade, a conclamar os homens para a compreensão e o amor, o amor a Deus, ao próximo, ao distante, à Natureza.

Para a massa ignara ele não é mais do que um falso profeta - justamente porque veio de uma cúpula de tecnólogos; para os poderosos, que alimentam prolongar indefinidamente o "status-quo", ele é um perigoso agitador e deve ser suprimidos, como o foram Jesus, Ghandi, Martin Luther King e outros.

Herbert George Wells, o incomparável profeta do futuro, numa novela famosa, conta a história de uma tribo de cegos onde apenas um homem enxergava. Este homem, o único que podia ver as coisas e pessoas, foi "convencido", com o decorrer do tempo, de que era o único enfermo da coletividade. E pediu que lhe furassem os olhos.

O astronauta, longe de ter enlouquecido... simplesmente SAROU. Criou juízo. Infelizmente, nada poderá fazer num mundo de cegos que não pode ver o que ele viu. E será posto de lado, não será ouvido... e talvez seja até mesmo suprimido.

Porque a Humanidade sempre escolheu... Barrabás.

Nota | Este artigo, publicado em O POVO, de Fortaleza, é reproduzido neste boletim a pedido de leitores.

LEIA E DIVULGUE O ZODIACO - O MAIS ANTIGO PERIÓDICO DA
ASTRONOMIA DE AMADORES DO BRASIL.
